

Estudos Italianos em Portugal

Nova Série, N.º 16, 2025

Instituto Italiano de Cultura de Lisboa

Direção: Stefano Scaramuzzino

Coordenação Editorial: Rita Marnoto

Conselho Científico: Aires A. Nascimento, Manuel Simões,
Maria Manuela Tavares Ribeiro

Conselho Editorial: Ana Beatriz Andrade, Ernesto Rodrigues,
Gianluca Miraglia, Isabel Almeida, Sofia Moreira

ISSN: 0870-8584

Depósito Legal: 228316/05

Design: FBA. Ferrand, Bicker & Associados

Impressão e Acabamento: Duopapel

Disponível na plataforma do Instituto Italiano de Cultura de Lisboa:

<https://iiclisbona.esteri.it/it/lingua-e-cultura/biblioteca/estudos-italianos-em-portugal/>

Direção e Administração:

Instituto Italiano de Cultura de Lisboa

Av. Infante Santo, 43, 2º andar, 1350-177 Lisboa

iiclisbona@esteri.it

<https://iiclisbona.esteri.it/it/>

Coordenação Editorial: Secção de Estudos Italianos

Faculdade de Letras

Universidade de Coimbra

3004-530 Coimbra

rmarnoto@fl.uc.pt

Os trabalhos publicados são sujeitos a avaliação, de forma anónima, por especialistas internos e externos à Comissão Científica e à Comissão Redatorial da revista.

SUMÁRIO

Editorial	5-8
DOSSIÊ – Luís de Camões e a Itália	9-12
Manuel Ferro, <i>O Camões de Donizetti</i>	13
Ana Beatriz Andrade, A Ines de Castro, <i>de Giuseppe Persiani, na Camoniana italiana, de Giacinto Manuppella</i>	35
Ernesto Rodrigues, <i>Imagens de Camões no século XIX</i>	47
Rita Marnoto, <i>Uma contrafação de Contini e os bigodes de Camões</i>	77
Alessandro Scarsella, <i>Prampolini e gli altri. Breve nota sulla lirica di Camões in Italia: una ricezione tra comparatistica e traduzione</i>	91
Martina Matozzi, <i>Sonetti di Luís de Camões, autentici e non, in due traduzioni italiane</i>	99
Simone Iantorno, <i>L'Ulisse dantesco e Camões. L'esplorazione del mondo</i>	115
Maurizio Perugi, <i>Un bagliore nello sguardo</i>	127
Barbara Spaggiari, <i>Camões e Teofilo Folengo, una coppia improbabile</i>	139
OBRA ABERTA	
Tommaso Gori, <i>Nera sì. Marino e Camões</i>	159
RECENSÕES	
Pier Paolo Pasolini. <i>Who is me. Poeta das cinzas</i> . Tradução Ana Isabel Soares. Posfácio Rosa Maria Martelo. Desenhos João Jacinto (Manuel Simões)	165

<i>Um pouco do meu sangue. Antologia de poesia italiana.</i> Seleção e tradução João Coles. Nota Daniel Ferreira (Manuel Simões)	166
Rita Marnoto; Ana Beatriz Andrade (coord. e trad.). <i>Pier Paolo Pasolini. 100 Anos</i> (Manuel Simões)	168
Rita Marnoto; Ana Beatriz Andrade (coord. e trad.). <i>Italo Calvino. 100 Anos</i> (Manuel Ferro)	170
EDITOU-SE...	175
Silvano Peloso <i>in memoriam</i> (Simone Celani)	179

DEDICARE IL 16° NUMERO della Nuova Serie di “Estudos Italianos em Portugal” ai rapporti tra Camões e la cultura italiana non è una scelta casuale, bensì va incontro alla volontà di riaffermare la vitalità di un dialogo secolare, fatto di consonanze letterarie e continui rimandi simbolici tra letterature distanti solo geograficamente. Luís de Camões, spesso definito *il Dante della lingua portoghese*, rappresenta allo stesso tempo una voce imprescindibile della letteratura lusitana e uno dei rappresentanti più alti di un Umanesimo europeo che si confronta, da un capo all'altro del continente, con le eredità classiche e con le sfide della modernità nascente.

Sono certo che i contributi racchiusi in questo nuovo numero favoriranno una migliore conoscenza del grande poeta portoghese anche nell'accademia italiana, consolidando così un percorso di studio che si distingue per rigore metodologico e apertura interdisciplinare. La lunga stagione del Rinascimento e Umanesimo, con inizio già nel XIV secolo, che esercitò la sua influenza su Camões, altro non è che una rete di contatti, lettere, residenze, visite, amicizie e diatribe teoriche, con l'enorme rispetto per ciò che è venuto prima e la visione per adattarlo alle nuove esigenze di centralità dell'essere umano, in una fase di allargamento esponenziale delle frontiere di tutti gli ambiti del sapere. Per questo quel modello resta valido oggi, e questa pubblicazione ne è un luminoso esempio.

L'approfondimento scientifico è ancora più fondamentale in un'epoca in cui movimenti identitari attribuiscono nuovi significati antistorici ai simboli del passato, operando sem-

plificazioni strumentali, in particolare attorno all'epoca delle scoperte nella penisola iberica, ma anche nella storia romana, medievale e moderna in Italia. La riflessione filologica, storica e comparatistica svolge, dunque, un ruolo decisivo: non solo per restituire complessità a figure come quella di Camões, ma anche per ribadire la responsabilità dell'accademia nella difesa della memoria culturale e nella decostruzione dei miti, manipolati per la conservazione dei rapporti di potere che non reggono ai tempi.

La ricerca che evidenzia le interconnessioni e la fluidità dei confini della repubblica delle lettere contribuisce alla demistificazione e alla costruzione di un'identità plurale. Sarei tentato di dire europea, ma proprio la cultura lusitana e Camões rappresentano un ponte con gli altri continenti e l'allargamento ad un concetto di appartenenza alla specie umana più largo. In questo senso, il dialogo tra Italia e Portogallo, lungi dall'essere un esercizio di erudizione comparata, si configura come un laboratorio per la riflessione sul futuro stesso dell'Umanesimo.

Un ringraziamento va ai sempre eccellenti *Coordinamento Editoriale*, *Consiglio Scientifico* e *Consiglio Editoriale*, che ancora una volta garantiscono la salvaguardia di un'iniziativa di qualità, che affonda le sue radici in precedenti illuminati, ma traghetta nel futuro il dibattito scientifico tra Italia e Portogallo, sempre attento ai temi rilevanti di anno in anno.

Con la presente edizione, la rivista rinnova dunque il proprio impegno a custodire e rilanciare quella trama di relazioni che unisce i due lati dell'Europa latina nel nome di Camões — poeta, navigatore dell'anima e testimone di un umanesimo senza confini.

Stefano Scaramuzzino
Direttore dell'Istituto Italiano di Cultura di Lisbona

DEDICAR O 16.º NÚMERO da Nova Série de *Estudos Italianos em Portugal* às relações entre Camões e a cultura italiana não é uma escolha casual, correspondendo antes à vontade de reafirmar a vitalidade de um diálogo secular, feito de consonâncias literárias, trocas recíprocas e contínuas referências simbólicas entre literaturas só geograficamente distantes. Luís de Camões, frequentemente definido como *o Dante da língua portuguesa*, representa ao mesmo tempo uma voz imprescindível da literatura lusitana e um dos mais altos representantes de um Humanismo europeu que se confronta, de um extremo ao outro do continente, com as heranças clássicas e com os desafios da modernidade nascente.

Estou certo de que os contributos reunidos neste novo número contribuirão para um melhor conhecimento do grande poeta português também na academia italiana, consolidando assim um percurso de estudo que se distingue pelo rigor metodológico e pela abertura interdisciplinar. A longa estação do Renascimento e do Humanismo, iniciada já no século XIV, que tal influxo teve em Camões, não é senão uma rede de contactos, trocas epistolares, residências, visitas, amizades e disputas teóricas, marcada por um enorme respeito pelo que veio antes e pelo projeto de o adaptar às novas exigências de centralidade do ser humano, numa fase de alargamento exponencial das fronteiras de todos os domínios do saber. Por isso, esse modelo continua hoje válido, e esta publicação de tal se faz luminoso exemplo.

O aprofundamento científico é ainda mais fundamental numa época em que movimentos identitários atribuem novos

significados anacrônicos aos símbolos do passado, operando simplificações instrumentais, em particular em torno da época das descobertas na Península Ibérica, mas também na história romana, medieval e moderna em Itália. A reflexão filológica, histórica e comparatista desempenha, assim, um papel decisivo: não apenas para restituir complexidade a figuras como a de Camões, mas também para reafirmar a responsabilidade da academia na defesa da memória cultural e na desconstrução dos mitos, manipulados para a conservação de relações de poder que já não resistem ao tempo.

A investigação que evidencia as interconexões e a fluidez das fronteiras da república das letras contribui para a desmistificação e para a construção de uma identidade plural. Estaria tentado a dizer europeia, mas é precisamente a cultura lusitana e Camões que representam uma ponte com os outros continentes e o alargamento a um mais vasto conceito de pertença à espécie humana. Nesse sentido, o diálogo entre Itália e Portugal, longe de ser um mero exercício de erudição comparada, configura-se como um laboratório de reflexão sobre o próprio futuro do Humanismo.

Um agradecimento é devido à sempre excelente *Coordenação Editorial*, ao *Conselho Científico* e ao *Conselho Editorial*, que mais uma vez garantem a salvaguarda de uma iniciativa de qualidade, enraizada em precedentes iluminados, mas que projeta para o futuro o debate científico entre Itália e Portugal, sempre atento aos temas relevantes, de ano para ano.

Com esta edição, a revista renova pois o seu compromisso de preservar e reavivar essa teia de relações que une as duas margens da Europa latina em nome de Camões — poeta, navegador da alma e testemunha de um humanismo sem fronteiras.

Stefano Scaramuzzino
Diretor do Instituto Italiano de Cultura de Lisboa

DOSSIÊ

LUÍS DE CAMÕES E A ITÁLIA

O título do dossiê deste número da revista Estudos Italianos em Portugal afigura-se de tal modo evidente, que quase parece percorrer um círculo. De facto, se a Itália foi o fulcro a partir do qual se difundiu, por toda a Europa, o esplendor do Humanismo e do Renascimento, é nela que a grandeza de Luís de Camões afunda as suas raízes, pelo modo como potencia esse húmus vital.

Imagine-se a cultura do poeta como uma biblioteca composta por vários livros. Seriam de facto densas as estantes reservadas a autores da Antiguidade, humanistas, e poetas e prosadores do Renascimento. Ora, quase todos os grandes escritores das letras latinas foram trazidos para a contemporaneidade pelos humanistas italianos, guardiães da própria tradição material dos seus textos e pioneiros da sua decodificação, bem como das renovadas interpretações de que foram objeto. Não há muitas certezas acerca dos conhecimentos de grego que Camões deteria, mas o transvaze de temas e estilemas dos humanistas italianos para a obra do lírico, do épico, do dramaturgo e até do autor de cartas em prosa é difuso. O mais que célebre soneto Amor é fogo que arde sem se ver elabora afinal a transposição, para vernáculo, de um passo do De remediis utriusque fortunae, de Francesco Petrarca: “est enim amor latens ignis”, e assim por diante. Sabe-se hoje que os modelos de Camões englobavam, para além de Petrarca, um círculo de poetas petrarquistas italianos bem mais numeroso do que até há algum tempo se supunha. Por sua vez, outros ilustres poetas que lhe serviram de exemplo, como Boscán e Garcilaso, situam-se, também eles, na órbita italiana.

Foi com esta biblioteca na sua bagagem que Camões partiu à descoberta de mundo, observando as mais diversas populações e as mais longínquas paisagens. Mas o seu talento descobriu, além disso, outros caminhos até então inexplorados: aquelas rotas do petrarquismo que levaram a uma indagação do dissídio, da variedade do cosmos e da fragmentação de lugares e vivências com uma intensidade sem precedentes. Aliás, a interseção da tradição italiana com a narrativa de viagens e com o substrato peninsular ibérico culminou num impulso de tal modo renovador, que os seus ecos atravessaram tempos e fronteiras, como acontece com os escritores clássicos.

Bem o mostra a fortuna de Camões em solo italiano, terreno fértil da receção de uma obra que se projeta através de diversos campos artísticos. Efetivamente, o movimento circular que liga Luís de Camões e a Itália, a que inicialmente se aludia, ao alargar-se até aos nossos dias, revitaliza esse enlace. Deste modo, e através de uma nova circunvolução, dos livros vindos de Itália, alinhados numa imaginária biblioteca do poeta, passa-se à receção merecida, também em Itália, pelo seu labor.

Este dossiê colige nove artigos que exploram a relação de Camões com a Itália, considerando quer as raízes da sua cultura, quer os ecos da sua obra.

As três primeiras intervenções são dedicadas à receção oitocentista. Manuel Ferro detém-se sobre Don Sebastiano, obra de fim de vida de Domenico Donizetti, analisando a ação e a forma como a figura de Camões é tratada, para concluir que se deve ao compositor italiano a criação da personagem melodramática de Camões. Sucessivamente, Ana Beatriz Andrade toma por tema a ópera Ines de Castro, de Giuseppe Persiani, referida por Giacinto Manuppella na sua Camoniana italiana, interrogando-se sobre os motivos que teriam levado o estudioso italiano a incluir esse item na sua bibliografia. Por sua vez, Ernesto Rodrigues refere a receção do poeta no século XIX, em Portugal, com uma nota final sobre o quadro italiano.

De seguida, a pretexto de um imaginário bilhete postal enviado pelo insigne filólogo Gianfranco Contini a Carlo Emilio Gadda, Rita Marnoto descreve um percurso que se desenvolve entre pintura, literatura e ecdótica.

A essa intervenção, segue-se um conjunto de artigos dedicado a questões de índole textual.

Alessandro Scarsella retoma a tradução para italiano, elaborada por Giacomo Prampolini, de um conjunto de poemas de Camões, considerando as várias facetas do processo de receção e comparando os resultados obtidos com os de outras traduções. Martina Matozzi confronta duas compilações de sonetos camonianos traduzidos para italiano, a partir de uma base filológica que tem por parâmetro a autenticidade autoral. Já Simone Iantorno detém-se sobre a filiação dantesca da figura de Ulisses, em Os Lusíadas, para indagar o que fica para além das reservas morais que lhe são colocadas.

Por sua vez, os dois últimos artigos aprofundam as relações entre Camões e a Itália, explorando o domínio dos modelos literários. Maurizio Perugi, na senda do artigo publicado nesta mesma revista em 2006, vem esclarecer o sentido da palavra esquivo, na canção Manda-me Amor. E Barbara Spaggiari faz a revisão crítica de um comentário de Faria e Sousa que pretendia aproximar Leonardo, personagem de Os Lusíadas, do poema em latim macarrónico Baldus, que Teofilo Folengo assinou sob o pseudónimo de Merlin Cocai.

A isto se acrescenta, na rubrica “Obra aberta”, o confronto entre Camões e Marino elaborado por Tommaso Gori.

O estudo da obra camoniana muito deve a um escol de críticos italianos da velha guarda, como Erilde Melillo Reali, Giulia Lanciani, Giuseppe Tavani, Luciana Stegagno Picchio ou o saudoso Silvano Peloso, recordado na rubrica In memoriam, aos quais se poderiam acrescentar tantos outros. De resto, alguns dos mais inovadores projetos de pesquisa que no século XXI têm vindo a ser dedicados à matéria contam com uma forte participação de investigadores italianos, como é o caso do Comentá-

rio a Camões ou da Edição crítica da sua obra lírica e épica, do Centre International d'Études Portugaises de Genève, que atualmente se encontra em curso de publicação pela Imprensa Nacional, numa nova edição em língua portuguesa.

Oxalá as novas gerações de lusitanistas italianos continuem a desenvolver este rico legado, e a crítica produzida nos vários cantos do mundo possa tirar o melhor partido, para um aprofundamento da exegese camoniana, da exploração das raízes italianas do labor de Luís de Camões.

RITA MARNOTO

PRAMPOLINI E GLI ALTRI.
BREVE NOTA SULLA LIRICA DI CAMÓES IN ITALIA:
UNA RICEZIONE TRA COMPARATISTICA
E TRADUZIONE

ALESSANDRO SCARSELLA*

DALLA PUBBLICAZIONE DEI SONETTI nel 1913 da parte del lusitanista messinese Tommaso Cannizzaro, al corso novecentesco della presenza della letteratura portoghese in Italia, si avverte chiaro il passaggio da un'attitudine scapigliata e simpatizzante alla trasmissione del *Sogno della letteratura universale* (titolo di una celebre conferenza di Arturo Fari-nelli), nella concretezza di un'opera di consultazione scientifica, risultato di un'indagine a tappeto sulle letterature che si sforza di divenire sintesi. Tali sono gli intenti della *Storia universale della letteratura* di Giacomo Prampolini (Milano, 1898 – Pisa, 1975), nel cui quadro d'insieme rientra, nel quarto volume, in seno alle letterature iberiche, la letteratura portoghese dal Trecento al Cinquecento (Prampolini, 1950). Dell'autore e, doverosamente, anche dello spessore iberistico e lusitanistico del suo punto di vista, venne riferito in occasione del convegno di Spello del 1994 (Pavese, 1997).

Esula dall'economia di questo breve intervento la valutazione ulteriore dell'opera di Giacomo Prampolini, già oggetto di quella riflessione alle sorgenti dell'effimera *new wave* comparatistica emergente negli ultimi due decenni del Novecento e alle sue prospettive di rinascita ben presto svanite

* Professore di letteratura comparata dell'Università Ca' Foscari di Venezia. Studio-
so del fondo bibliografico "Joaquim de Araújo" della Biblioteca Nazionale Marciana di
Venezia. alescarsella@unive.it

negli interessi di *lobby*. Tuttavia l'impresa solitaria di Prampolini, iniziata nel 1933, proseguita con la seconda e la terza edizione, fino al 1968, e completata nel 1974-1975, anno della morte, con l'*Antologia* in tre volumi di necessario corredo, rappresentava un fatto troppo recente per non attirare l'attenzione (Prampolini, 1974). E per non attirarla ancora; considerata la specificità della ricezione italiana di Camões, innestatasi su motivazioni di carattere teorico, siano esse riferite alla tradizione epica, o siano collegate al petrarchismo (Gigliucci, 2011)¹. Per cui non è possibile, entro certi limiti, e soprattutto da parte di chi scrive, per la sua formazione, prescindere da un certo punto di vista allargato, soprattutto se lo scopo è valutare le traduzioni come approdo di un processo anteriore che in Italia ha radici positiviste notevoli, dure a morire, ma non del tutto da buttare via. Anzi².

Prampolini considera Camões un classico? Non lo colloca nel canone, ma direi piuttosto nell'idiocanone. Non lo affianca ai massimi ma, in base al suo principio di contestualizzazione, a classico della letteratura lusitana, giunta alla piena maturità. Prampolini usa, per le letterature, senza timore negli anni Trenta del Novecento i termini e i concetti correlati di evoluzione e di "organismo". A ben vedere la generazione di Prampolini, distante anagraficamente quasi un secolo da quella di Cannizzaro (Palermo, 1826 – Roma, 1910), risulta tributaria dell'ambiente poliglotta che aveva smosso le acque della lusi-

¹ A proposito della sua rilettura, Gliucci preveniva incipitariamente che "i due contributi che seguono ricercano precedenti (quasi mai candidabili a fonti) tematici e motivici di due sonetti di Luís de Camões: potrà sembrare inquisizione meramente neo-positivista, se non ci confortasse la prospettiva di verifica della tenuta europea del petrarchismo, come intertestualità e soprattutto interdiscorsività. Uscire dall'Italia per comprendere il petrarchismo anche italiano è poi una prassi ineludibile per qualsivoglia 'italianista'" (Gigliucci, 2011: 19).

² Analogo e parallelo tentativo di rivalutazione del metodo pseudoscientifico di scuola positivista italiana è, ad alto livello teorico, tentato da Romolo Runcini (Potenza, 1925 - Roma, 2014) alla ricerca di una saldatura con Bachtin e la realtà dell'immaginario sociale presupposta ed esplorata dalla teoria dei cronotopi (Runcini, 1995).

tanistica, grazie alla presenza in Italia di un mediatore di cultura straordinario quale Joaquim de Araújo che trova la spalla eccezionale di Emilio Teza³.

Una componente di erudizione empatica è indubbiamente presente nell'opera di Prampolini, a partire dal concetto di "evoluzione" utilizzato nel sottotitolo, ma anche dal ritenere la traduzione parte integrante dei compiti dello storico delle letterature. A monte dell'impresa di Prampolini, che fece un solo viaggio all'estero nella sua vita (Culeddu, 2021), c'è l'idea che le letterature siano indipendenti dalla realtà viva della lingua, e che quindi il linguaggio letterario presenti delle codificazioni universali di specifica sussistenza, accessibili attraverso una disciplina e un'angolazione mirata, una grammatica dell'immaginario costituita dai generi letterari. Un viaggio all'interno di una stanza, ma di quale intensità e di quanta benefica follia.

Ha prodotto forse qualcosa che resta la comparatistica post-moderna, basata sui pixel e non sulle pagine dei libri? Ha lasciato il segno l'approccio ermeneutico svincolato dalle conoscenze multiletterarie? L'impressione è di grande insicurezza. Priva infatti dell'illusione di un principio, ingenuo se vogliamo, ma presente a se stesso, di *universalità*, la nuova comparatistica senza soggetto e priva di mappe ha fatto già naufragio, almeno sulle coste italiane, e scegliere il silenzio sarebbe l'opzione più onesta.

Chiudendo questa parentesi, si ritorni al centro della questione motivante. Presentata al convegno di Spello⁴, la relazione di Brunello De Cusatis, pur dando il la a ogni successiva ricerca sul tema, e preannunciata negli atti del convegno del 1994,

³ Di questo si ebbe a riferire per sommi capi nel mio breve scritto Scarsella, 1994. Ma vedi soprattutto il carteggio *A correspondência entre Joaquim de Araújo e Emilio Teza (1895-1910)* (Simões, 1998).

⁴ Vedi invece, come accennato, negli atti, l'apporto panoramico di Pasquale Tuscano (1997; per la letteratura portoghese le due pp. 33-34), in cui si sottolinea l'oscillazione del giudizio d'eccellenza di Prampolini tra l'esaltante poesia colta di Camões e la valorizzazione della poesia popolare in quanto "espressione dell'anima della stirpe", secondo il presupposto romantico-positivista che, alle soglie della post-modernità, non cessa di ratificare.

sarebbe stata invece pubblicata come inedita nel volume *Tra Italia e Portogallo* (De Cusatis, 1999: 117-137), esaurendo di fatto la parte novecentesca della ricezione/traduzione delle rime di Camões. De Cusatis cita anche le traduzioni di Averini (Camões, 1979), sebbene esclusivamente in nota (De Cusatis, 1999: 121). Come comunque appare legittimo se il focus è Prampolini, al quale De Cusatis riconosce qualità notevole come traduttore di narrativa in prosa moderna efficace e determinato da cifra stilistica fedele, evitando però di sostare sulle sue traduzioni poetiche. Quindi l'intento sostanziale del contributo esulava da una comparazione traduttologica con le altre proposte di traduzione delle rime di Camões. Del resto le traduzioni da Camões inserite nel volume 3 della *Antologia* sono in prosa, così come tutte le altre della ponderosa opera, in conformità ai principi limitativi della critica idealistica e alla natura di servizio dell'opera e dell'indole di Prampolini⁵: due *cantigas*, *A una signora che prega fa strage di cuori* e *A una schiava di nome Barbara*; e due sonetti, *Cambiano i tempi, cambiano le voglie* (*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*) e *Anima mia gentile che ti dipartisti* (*Alma minha gentil que te partiste*).

Sofferamoci, in chiusura di questa breve nota, solo su uno dei due sonetti restituiti da Prampolini, presenti altresì nelle raccolte di traduzioni in italiano delle *Rimas* di Averini (Camões, 1979) e più recentemente di Federico Bertolazzi (Camões, 2019). Si tratta di due componimenti non solo rappresentativi del talento indiscutibile del poeta lusitano, ma anche della trasmigrazione della forma del sonetto medesima dall'Italia del Rinascimento al mondo. Tenendo conto della puntualizzazione suggerita da Gigliucci (sul fondamento e a corollario delle ricerche di Rita Marnoto) e relative all'innesto camoniano nella continuità cinquecentesca della tradizione petrarchesca italiana, Bertolazzi si ispira a

⁵ Il quale, nondimeno poeta, raccolse la propria apprezzabile produzione nel volume *Molte stagioni* (Prampolini, 1962).

due motivazioni stimolanti. Da una parte la scelta antologica di Eugénio de Andrade (Camões, 2000)⁶, esplicitamente ricalcata da Bertolazzi; dall'altra l'ideale prefigurazione di un "ritorno" in traduzione di Camões alla sua lingua modello, l'italiano. I due propositi si incrociano nella misura in cui a una reinvestitura, attraverso Eugénio de Andrade, del sonetto nei linguaggi della poesia del Novecento (resa familiare per via delle versioni di Ungaretti da Shakespeare e da Góngora), si associa un'intenzione di ricondurre i versi di Camões al loro etimo culturale, evitando eccessi lessicali e arcaismi. Una cosa è infatti il petrarchismo, una cosa è la trasmissione della forma del sonetto, per quanto correlata a Petrarca, ma emancipatasi, evitando talora la rima. Prima di tutto in traduzione.

In particolare ci si soffermi sulle evidenti perplessità che sorgono nella lettura in traduzione della prima strofa:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança,
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Prampolini:

Cambiano i tempi, cambiano le voglie, si mutano l'essere e la fiducia;
tutto il mondo è fatto di mutamenti, e assume sempre nuove qualità.
(Prampolini, 1974: 3.327)

Averini:

Mutano i tempi, muta parimenti
la volontà, la stato, la certezza:
tutto nel mondo è sol mutevolezza,
è nuova qualità, nuovi accidenti.
(Camões, 1979: 136)

⁶ Sulla genesi del progetto di de Andrade, cfr. Barberini, 2024.

Bertolazzi:

Mutano i tempi con le volontà,
 Muta l'essere, muta la baldanza,
 Tutto il mondo è composto di alternanza,
 Prendendo sempre nuove qualità.
 (Bertolazzi, 2019: 97)

Le due versioni metriche non fanno rimpiangere la prosa di Prampolini, ma fanno in definitiva di tutto per sabotare il testo. Il primo verso rappresenta una vera pietra di inciampo, con il prosaicamente isolato “voglie” in Prampolini, “la volontà” (di potenza?) al singolare di Averini, spostata nel secondo verso; quindi “le volontà” in Bertolazzi (che vorrebbero dire *i desiri* e non l'atto testamentario). Non ce ne voglia l'ultimo, valente traduttore, che ha il merito di una grande leggibilità e musicalità. Nei tre casi salta via comunque il parallelismo incipitario di *os tempos*, e *as vontades*, del tutto strategico nella regia circolare del componimento.

Concludendo, a conferma della vitalità e della conquista di spazi di autonomia della lusitanistica italiana, vanno segnalate le nuove edizioni critiche curate da Maurizio Perugi e Barbara Spaggiari (Camões, 2020; 2021a; 2021b; 2023a; 2023b; 2024a, 2024b), laddove la ricezione di Camões aveva preso le mosse con Cannizzaro da una filologia in debito con l'ecdotica tedesca prima, poi con le edizioni delle rime allestite in madrepatria. A partire da questo, la situazione attuale risulta costellata da attese nuove sul piano dell'ermeneutica della poesia di Camões, al punto di dover separare forse per sempre il lavoro di traduzione poetica da quello storico-critico, con l'opzione consapevole, sempre personalmente consentita, di voler leggere piuttosto l'originale.

BIBLIOGRAFIA

- Barberini, Fabio (2024). Querido Jorge ... Querido Eugénio. Eugénio de Andrade, Jorge de Sena e un'antologia delle *Rimas* di Camões. *Revue d'Études Médiévales et de Philologie Romane*, 2, 2, 175-286.
- Camões, Luís de (1979). *Rime*. Scelte, tradotte e commentate da Riccardo Averini, *Estudos Italianos em Portugal*, 41 [numero speciale pubblicato in occasione del quarto centenario della morte di Luís de Camões].
- Camões, Luís de (2000). *Sonetos de Luís de Camões escolhidos por Eugénio de Andrade*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Camões, Luís de (2019). *D'amor sì dolcemente. Cinquanta sonetti*. A cura di Federico Bertolazzi. Vecchiano, Pisa: Valigie Rosse.
- Camões, Luís de (2020). *La lirica. 1. Sonetti*. Edizione critica di Maurizio Perugi. Genève: CIEPG.
- Camões, Luís de (2021a). *La lirica. 2 Redondilhas*. Edizione critica di Barbara Spaggiari. Genève: CIEPG.
- Camões, Luís de (2021b). *La lirica. 3 Canzoni*. Edizione critica di Maurizio Perugi. Genève: CIEPG.
- Camões, Luís de (2023a). *La lirica. 4. Ottave*. Edizione critica di Barbara Spaggiari, Genève: CIEPG.
- Camões, Luís de (2023b). *La lirica. 5. Elegie*. Edizione critica di Maurizio Perugi. Genève: CIEPG.
- Camões, Luís de (2024a). *La lirica. 6. Odi*. Edizione critica di Barbara Spaggiari. Genève: CIEPG.
- Camões, Luís de (2024b). *La lirica. 7. Ecloghe*. Edizione critica di Maurizio Perugi. Genève: CIEPG.
- Culeddu, Sara (2021). Giacomo Prampolini. *Tradurre. Pratiche, Teorie, Strumenti*, 21 [in linea].
- De Cusatis, Brunello (1999). *Tra Italia e Portogallo. Studi storico-culturali e letterari*. Roma: Antonio Pellicani.
- Gigliucci, Roberto (2011). Due sonetti di Camões e la tradizione italiana. *Italique*, 14, 19-46.
- Pavese, Renzo (ed.) (1997). *Giacomo Prampolini e la letteratura mondiale. Atti del Convegno. Spello, venerdì 3 giugno 1994*. Torino: Genesi.

- Prampolini, Giacomo (1950, 2.^a ed. riveduta ed ampliata). *Storia universale della letteratura. 4. L'evoluzione letteraria europea sino al Romanticismo, letterature iberiche, letteratura inglese, letteratura francese nei secoli 15.-18., il Seicento olandese, la letteratura tedesca durante i secoli 17.-18., quadro dell'Ottocento letterario europeo, l'Ottocento francese.* Torino: UTET.
- Prampolini, Giacomo (1962). *Molte stagioni.* Milano: Mondadori.
- Prampolini, Giacomo (1974). *Letteratura universale. Antologia di testi*, 3 voll. Torino: UTET.
- Runcini, Romolo (1995). Angelo De Gubernatis pioniere della ricerca antropologica e sociale nei miti e nei generi letterari. In Taddei, Marcelo (ed.), *Angelo De Gubernatis. Europa e Oriente nell'Italia umbertina*, vol. 1. Napoli: Istituto Universitario Orientale, 39-68.
- Scarsella, Alessandro (1994). Letterature comparate *fin de siècle* tra Portogallo e Italia: l'eredità dell'Araujo. In Castro, Silvio; Simões, Manuel (ed.), *Rosa dos ventos. Atti del convegno, trenta anni di culture di lingua portoghese a Padova e a Venezia.* Padova: Università di Padova, 129-136.
- Simões, Manuel G. (1998). *A correspondência entre Joaquim de Araújo e Emilio Teza (1895-1910). Espólios da Biblioteca Nazionale Marciana, de Veneza.* Lisboa: Colibri.
- Tuscano, Pasquale (1997). Prampolini storico della letteratura spagnola e delle letterature iberiche. In Pavese, Renzo (ed.), *Giacomo Prampolini e la letteratura mondiale. Atti del Convegno. Spello, venerdì 3 giugno 1994.* Torino: Genesi, 25-41.

